

O mundo discute água e sobrevivência

abranter dois terços dos recursos totais até 2025. Em 20 anos, se nada for feito, a disponibilidade atual de água por pessoa deve cair um terço. E as disparidades entre pobres e ricos tendem a aumentar. Também a qualidade da água deve piorar significativamente. Segundo dados da entidade WWF, cada litro de água poluída contamina pelo menos 8 litros de água limpa.

grande expectativa em torno de possíveis parcerias, para diminuir o número de pessoas – 1,5 bilhão no mundo – que sofrem com a escassez do elemento mais básico para a sobrevivência humana. O quadro das mesas de negociação está longe de ser animador. Hoje, a população mundial já explora metade dos recursos hídricos acessíveis e o consumo deve

Chefes de Estado, cientistas e empresários, além de representantes de organismos multilaterais e movimentos sociais, estão reunidos de hoje até o dia 23, em Kyoto, no Japão, para discutir a crise mundial de água e estabelecer acordos que garantam o acesso universal à água de qualidade. O 3.º Fórum Mundial da Água tem início com ampla representatividade e

A exploração desordenada degrada fontes

Alteração dos ciclos naturais e crescente urbanização resultam num quadro de crise

LIANA JOHN

O consumo mundial de água doce dobrou em 50 anos e hoje corresponde à metade dos recursos acessíveis, incluindo aquíferos subterrâneos ou águas de degelo sazonal. Explorar tais recursos foi o motor do desenvolvimento de muitos países, sobretudo na agricultura, geração de energia, indústria e transporte. Mas a competição entre esses setores vem degradando as fontes – a natureza também precisa de água. O ciclo natural tem sido alterado em regiões muito artificializadas – como as megacidades – e ecossistemas que garantem sua quantidade e qualidade estão sendo suprimidos.

As mudanças climáticas somam a tal cenário secas severas, inundações em larga escala e tempestades. Segundo dados da WWF internacional, o “ambiente está enviando sinais de alerta, que têm sido largamente ignorados”.

Mesmo para quem não reconhece tal alerta, a expectativa de uma crise apóia-se em tendências como a da urbanização. Existem 23 megacidades com mais de 10 milhões de habitantes no mundo, que, de acordo com o Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (Pnuma), recebem por ano 60 milhões de pessoas. Dezoito delas (São Paulo, inclusive) ficam em países em desenvolvimento.

Metade das cidades europeias já explora águas subterrâneas acima da capacidade de reposição. A Cidade do México está afundando, literalmente, pela retirada excessiva de água do subsolo. Diversos países têm sérias dificuldades com a poluição de seus aquíferos, como Bangladesh, onde 1,2 milhão de pessoas já apresentaram sinais de intoxicação.

Documentação

Fonte: *0788 (Geral)*

Data: *16/3/2003* Pg: *16*

Class.: *08*

Conflitos – Outra tendência que reforça o quadro de crise mundial é a dos conflitos em regiões onde dois ou mais países compartilham água de rios ou aquíferos. O projeto de exploração do aquífero do Nordeste do Saara pela Líbia provocou conflitos com Argélia e Tunísia. E não faltam áreas sensíveis, porque as águas dos rios fronteiriços vêm se tornando mais escassas ou poluídas, problema que atinge do Rio Danúbio às nascentes do Orinoco, na Amazônia, por onde se espalha o mercúrio dos garimpeiros brasileiros.

Na média mundial de uso da água, o maior percentual se destina à agricultura com 67%, seguida da indústria, com 19%. O uso residencial fica com 9%, distribuídos de

forma desequilibrada entre pobres e ricos. Ao menos 3 bilhões de pessoas têm de se servir de águas contaminadas, sobretudo nos países em desenvolvimento, onde cerca de 90% do esgoto é jogado in natura nos cursos d'água.

O resultado, conforme a Organização Mundial da Saúde, é que mais de 5 milhões de mortes anuais são ocasionadas por doenças de veiculação hídrica e pelo menos um quarto da humanidade permanece sem acesso a água segura. Total que pode chegar

em 20 anos a 3,5 bilhões de pessoas.

Conforme o documento Living Waters do WWF internacional, o 2.º Fórum Mundial, realizado na Holanda em 2000, “falhou em reco-

nhecer que é o investimento em um meio ambiente saudável que assegurará a provisão de suprimentos confiáveis de água limpa para todas as pessoas e para a natureza. Também falhou ao tratar a natureza como outro usuário competindo pela água”. A expectativa em Kyoto é aumentar o peso da água na agenda política mundial, além de formular propostas concretas para garantir acesso em quantidade suficiente para todos. Incluindo os ecossistemas.

Clima tem
ENVIADO
SINAIS DE
ALERTA

 NUMEROS DA CRISE	
1,5 bilhão de pessoas sofrem com a escassez de água 3 bilhões têm de usar água contaminada 12 mil km³ de água poluída circulam pelos rios do mundo 100% foi o aumento registrado no consumo mundial em 50 anos	67% da água utilizada no mundo destina-se à agricultura 19% é consumida pela indústria 9% é destinada ao uso residencial Mais de 5 milhões de mortes ocorrem anualmente no mundo por doenças de veiculação hídrica 70% das internações hospitalares no Brasil têm o mesmo motivo Com 29% da população, o Nordeste dispõe de apenas 3% das reservas de água do País

Brasil: muita água, péssima distribuição

País tem uma das maiores bacias hídricas do mundo, mas o contraste entre regiões é o problema

MAURA CAMPANILI

O Brasil detém uma das maiores bacias hídricas da Terra, com cerca de 15% da água doce superficial. Tem ainda em parte de seu território a maior reserva de água doce subterrânea, o Aquífero Guarani, com 1,2 milhão de quilômetros quadrados. Mas o contraste na distribuição é enorme. A Região Norte, com 7% da população, dispõe de 68% da água do País, enquanto o Nordeste, com 29% da população, tem 3%, e o Sudeste, onde vivem 43% dos brasileiros, conta com 6%. Problemas como desmatamento das nascentes e poluição agravam a situação. Em consequência, 45% da população não tem acesso a água tratada e 96 milhões de pessoas vivem sem esgoto.

Embora o problema mais visível esteja no semi-árido, com cinco Estados enquadrados nos índices de escassez do Banco Mundial, os maiores conflitos ocorrem na área de mata atlântica, onde vivem 110 milhões de brasileiros. "Quem acha que a água é um problema do futuro deve ver o estado calamitoso dos rios em São Paulo, Rio ou Minas", afir-

ma Messias Franco, secretário-geral do WWF-Brasil.

Segundo a Agência Nacional de Águas (ANA), o País enfrenta problemas nas regiões costeiras do Sudeste e do Sul, nas bacias dos Rios São Francisco e Uruguai, ambos na mata atlântica, além de parte das bacias dos Rios Tocantins (Amazônia) e Paraguai (Pantanal). Os motivos são desmatamento, falta de saneamento, expansão das cidades e má gestão.

Maiores trunfos do País em relação ao abastecimento, o Guarani passa por oito Estados, e por Argentina, Paraguai e Uruguai, o que exige um acordo entre esses países para o seu uso. "Dos cerca de 166 km³ de potencial de água renovável que circulam no aquífero, entre 40 e 80 km³ podem ser explorados. Mas há risco de contaminação, pelo grande número de poços construídos e operados sem tecnologia adequada ou abandonados", diz Haroldo Mattos de Lemos, presidente do Instituto Brasil Pnuma.

Outro trunfo, o fato de o Brasil contar com legislação avançada no setor, deu poucos resultados práticos até agora. A maior parte dos comitês e consórcios de bacia, que deveriam

administrar o uso da água, não conseguiu efetivar a cobrança pela sua utilização. O mais adiantado nesse processo é o Comitê do Rio Paraíba do Sul, do qual fazem parte São Paulo, Rio e Minas. Mas divergências entre usuários, principalmente agrícolas e industriais, emperam a concretização.

E o investimento? – O biólogo Samuel Barreto, do WWF-Brasil, critica a falta de investimento em saneamento. "A cobertura

da coleta de esgoto é de 49%, sendo de 71% no Sudeste, 33% no Centro-Oeste, 18% no Sul, 13% no Nordeste e 2% no Norte. Temos problemas de falta d'água até na Amazônia, como em Rio Branco,

onde os mananciais estão comprometidos por esgoto, lixo, mineração e expansão urbana."

O biólogo salienta que 70% das internações no Brasil são provocadas por doenças transmitidas por água contaminada, ao custo de US\$ 2 bilhões por ano. "Segundo a Organização Mundial da Saúde, para cada dólar investido em saneamento ambiental, economiza-se de US\$ 4 a US\$ 5 em saúde. Não investir em saneamento é mau uso do dinheiro público."

**NOVA
LEGISLAÇÃO
DEU POUCOS
RESULTADOS**

Escassez é mais severa em cinco Estados do País

Eles são Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Norte

Nenhuma região brasileira sente tanto os efeitos de falta d'água quanto o Nordeste. Atualmente, a disponibilidade hídrica per capita na região é insuficiente nos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. A situação é ainda mais insustentável para os 8 milhões de habitantes do semi-árido.

"Fatores como o aumento da temperatura global, que deverá elevar a evaporação da água e, ao mesmo tempo, a demanda para consumo humano e para irrigação deverão afetar ainda mais a disponibilidade hídrica na região. Isso tudo sem contar as alterações provocadas pela ocupação humana, como assoreamento, desmatamento e perda de qualidade da água", diz João Aquino Gondim, da ANA.

Estudos realizados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) revelam que as chances dos agricultores co-

lherem boas safras são de três anos em dez na região. Em quatro anos, a produção cai num percentual muito elevado e, em três, as perdas são quase totais. Nesse anos de secas mais intensas, o Produto Interno Bruto (PIB) agrícola da região sofre uma redução de 60%. Segundo Gondim, isso mostra a importância de mais estudos e ações para se antecipar ao que está por vir.

Evaporação – Segundo Haroldo Mattos, do Brasil Pnuma, a insolação e os ventos na região provocam um índice de evaporação de cerca de 30% da vazão dos açudes. "Em alguns casos, quando os açudes são muito rasos e com grande área superficial, há mais perdas do que benefícios", diz. Por conta disso, sistemas menores de armazenamento, como as cisternas, são mais adequados. Mattos cita ainda a instalação de dessalinizadores em poços de água salobra como uma alternativa que já vem sendo testada.

Outro problema a ser enfrentado é o desperdício de água na irrigação. Embora tenha um índice inferior ao mundial, 59% da água utilizada no Brasil é destinada a esse fim. Programas como o que vem sendo desenvolvido no Ceará, de substituição de culturas de arroz por fruticultura, têm permitido liberar água para o consumo da população. (M.C.)